

DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO  
SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

**JESUS CRISTO FEZ-SE  
POBRE POR VÓS**

VI DIA MUNDIAL DOS POBRES

13 DE NOVEMBRO DE 2022

SUBSÍDIO PASTORAL

**Paulus**

*Um agradecimento particular a:*

- Rev.do P. Francesco Dell’Orco (Arquidiocese de Trani – Barletta – Bisceglie [Itália])
- Rev. P. Pierpaolo Lippo (Pontifício Instituto Bíblico – Roma)

*pelo seu contributo para a realização deste Subsídio.*

*Editing:* ao cuidado do P. Alessandro Amapani

© 2022 Edizioni San Paolo s.r.l.  
Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)  
www.edizionisanpaolo.it  
*Distribuição:* Diffusione San Paolo s.r.l.  
Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

© 2022 Periodici San Paolo s.r.l.  
Via Giotto, 36 - 20145 Milano

Para os textos do Papa © Libreria Editrice Vaticana – Dicastero per la Comunicazione

Anexo à revista *Credere* desta semana  
Diretor: Vincenzo Vitale  
Semanário registado no Tribunal de Alba a 23/10/2012, n. 4/12

*Projeto gráfico:* Giacomo Travisani

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste volume poderá ser publicada, reproduzida, arquivada em suporte eletrónico, nem transmitida de alguma forma ou por algum meio mecânico ou eletrónico, nem fotocopiada ou gravada, ou de outro modo divulgada, sem autorização da editora.

O Editor fez tudo o que estava ao seu alcance para identificar todos os detentores de direitos fotográficos. Na eventualidade de serem reproduzidas neste subsídio imagens de competência de outrem, o Editor fica ao dispor dos detentores desses mesmos direitos.

Impressão: .....

ISBN XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

## VI Dia Mundial dos Pobres

# Jesus Cristo fez-Se pobre por vós

### Apresentação

«No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém». A expressão do Papa Francisco na Mensagem para o próximo *Dia Mundial dos Pobres* toca-nos pela sua clareza. É uma provocação que chega a todos aqueles que têm uma sensibilidade particular para com os irmãos e irmãs que experimentam diversas formas de desconforto. Conhecemos pessoas que decidiram dedicar a sua vida ao serviço dos pobres. Através do seu compromisso quotidiano, estas pessoas sabem bem o que significa fazer-se pobre com os pobres. A retórica desaparece para dar lugar à participação e à partilha. Esta opção corresponde a quem compreendeu que estava diante do caso sério da vida cristã. Diante de alguém que pede ajuda, não se vai chamar pelos outros para virem socorrer, mas arregaça-se as mangas.

O lema escolhido para este ano é altamente cristológico e traz consigo um ensinamento que ajuda a refletir em primeira pessoa. *Jesus fez-Se pobre por mim!* Perder esta realidade de vista equivale a não compreender ou a compreender mal todo o Evangelho. O apóstolo coloca o mistério da encarnação no facto de o Filho de Deus ter feito a opção pela pobreza para permitir que os pobres recuperassem a riqueza perdida. Esses pobres somos todos nós, sem que ninguém fique de fora. A pobreza não é uma das muitas palavras evangélicas. Paulo coloca-a acima de todas as outras, porque vê nela a expressão fundante do amor trinitário de Deus. A força do amor pela humanidade perdida à procura do supérfluo leva o Filho de Deus a fazer-Se homem, assumindo em Si a pobreza da natureza humana. Este mistério permanecerá na história como o maior desafio a aceitar.

Numa cultura que, muitas vezes, acha que se atinge a felicidade máxima quando se alcança a riqueza material e o sucesso efémero, este ensinamento evangélico parece estar longe de ser relegado para uma seriedade a medias, se não mesmo para o ridículo. É fácil atirar as culpas da pobreza àqueles que caíram na miséria devido à injustiça e ao egoísmo. Contudo, Deus escolhe fixar morada no lugar marginalizado pelo mundo. Da parte de Deus há uma verdadeira partilha e uma participação, porque não delega em ninguém a função de se fazer pobre com os pobres. Não há alternativa: somente na medida em que cada um tomar verdadeira consciência de ser pobre, poderá compreender que Jesus

partilha a sua experiência de vida e o salva. Observar os mandamentos, como o jovem rico da parábola, é algo louvável e respeitável. Seguir Cristo, deixando tudo, exige a força da graça que atua no lugar onde aceitamos que somos pobres e que necessitamos de ser guiados pelo Espírito que fortalece.

O próximo *Dia Mundial dos Pobres* é, portanto, um convite que se, por um lado, estimula a tomar consciência da condição de si mesmo, por outro, leva a assumir em primeira pessoa o compromisso do serviço partilhado com todos os que nem sequer têm o mínimo para viver com dignidade. Nos últimos meses, as nossas comunidades quase que fizeram concorrência para dar hospitalidade a muitas pessoas ucranianas forçadas a fugir do medo da guerra. Muitos destes são crianças que, para o futuro, levarão consigo a ferida da guerra e do exílio. É tempo de não nos cansarmos de continuar a oferecer o sinal da solidariedade cristã, sem deixar de fixar os olhos em muitas outras formas de pobreza que nos rodeiam.

Este *Subsídio* pastoral procura manter a união entre a oração e os gestos necessários para que este *Dia Mundial* não passe sem deixar um sinal palpável de participação pessoal e de partilha efetiva em nome da fé que se faz caridade e se torna esperança.

✠ **Rino Fisichella**

*Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização  
Secção para as questões fundamentais da evangelização no mundo*

## Mensagem do Santo Padre Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres

XXXIII Domingo do Tempo Comum – 13 de novembro de 2022

*Jesus Cristo fez-Se pobre por vós (cf. 2Cor 8,9)*

1. «Jesus Cristo (...) fez-Se pobre por vós» (2Cor 8,9). O apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Corinto com estas palavras para fundamentar o seu compromisso de solidariedade para com os irmãos necessitados. O *Dia Mundial dos Pobres* volta, este ano, como uma sadia provocação para nos ajudar a refletir sobre o nosso estilo de vida e sobre as inúmeras pobreza da hora atual.

Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação económica que se esperava que voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte, destinada a impor ao mundo um cenário diferente.

A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição. Aqui, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção direta duma «superpotência», que pretende impor a sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos. Vemos repetir-se cenas de trágica memória e, mais uma vez, as ameaças recíprocas de alguns poderosos abafam a voz da humanidade que implora paz.

2. Quantos pobres gera a insensatez da guerra! Para onde quer que voltemos o olhar, constata-se como os mais atingidos pela violência sejam as pessoas indefesas e frágeis. Deportação de milhares de pessoas, sobretudo meninos e meninas, para os desenraizar e impor-lhes outra identidade. Voltam a ser atuais as palavras do Salmista perante a destruição de Jerusalém e o exílio dos judeus: «Junto aos rios da Babilónia nos sentamos a chorar, / recordando-nos de Sião. / Nos salgueiros das suas margens / penduramos as nossas harpas. / Os que nos levaram para ali cativos / pediam-nos um cântico; / e os nossos opressores, uma canção de alegria / (...). Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor, / estando numa terra estranha?» (Sl 137,1-4).

Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constrangidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos. Entretanto, aqueles que permanecem nas zonas de conflito têm de conviver diariamente com o medo e a carência de comida, água, cuidados médicos e sobretudo com a falta de afeto familiar. Nestes momentos, a razão fica obscurecida e quem sofre as consequências é uma multidão de gente simples, que vem juntar-se

ao número já elevado de pobres. Como dar uma resposta adequada que leve alívio e paz a tantas pessoas, deixadas à mercê da incerteza e da precariedade?

**3.** Neste contexto tão desfavorável, situa-se o *VI Dia Mundial dos Pobres*, com o convite – tomado do apóstolo Paulo – a manter o olhar fixo em Jesus, que, «sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2Cor 8,9). Na sua visita a Jerusalém, Paulo encontrara Pedro, Tiago e João, que lhe tinham pedido para não esquecer os pobres. De facto, a comunidade de Jerusalém debatia-se com sérias dificuldades devido à carestia que assolara o país. O Apóstolo preocupou-se imediatamente em organizar uma grande coleta a favor daqueles pobres. Os cristãos de Corinto mostraram-se muito sensíveis e disponíveis. Por indicação de Paulo, em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos.

Como se o tempo tivesse parado naquele momento, também nós, cada domingo, durante a celebração da Santa Missa, cumprimos o mesmo gesto, colocando em comum as nossas ofertas para que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres. É um sinal que os cristãos sempre cumpriram com alegria e sentido de responsabilidade, para que a nenhum irmão e irmã faltasse o necessário. Já o testemunhava no século II São Justino que, ao descrever ao imperador Antonino Pio a celebração dominical dos cristãos, escrevia: «No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas. (...) Seguidamente, a cada um dos presentes se distribui e faz participante dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças, e dos mesmos se envia aos ausentes por meio dos diáconos. Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e hóspedes que chegam de viagem; numa palavra, ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados» (*Primeira Apologia*, LXVII, 1-6).

**4.** Voltando à comunidade de Corinto, sucedeu que, depois do entusiasmo inicial, começou a esmorecer o empenho, e a iniciativa proposta pelo Apóstolo perdeu impulso. Este é o motivo que leva Paulo a escrever com grande paixão, relançando a coleta, «para que, como fostes prontos no querer, também o sejais no executar, conforme as vossas possibilidades» (2Cor 8,11).

Neste momento, penso na disponibilidade que, nos últimos anos, moveu populações inteiras para abrir as portas a fim de acolher milhões de refugiados das guerras no Médio Oriente, na África Central e, agora, na Ucrânia. As famílias abriram as suas casas para deixar entrar outras famílias, e as comunidades acolheram generosamente muitas mulheres e crianças para lhes proporcionar a devida dignidade. Mas quanto mais se alonga o conflito, tanto mais se agravam as suas consequências.

Os povos que acolhem têm cada vez mais dificuldade em dar continuidade à ajuda; as famílias e as comunidades começam a sentir o peso duma situação que vai além da emergência. Este é o momento de não ceder, mas de renovar a motivação inicial. O que começamos precisa de ser levado a cabo com a mesma responsabilidade.

5. Com efeito, a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade. Aliás, deve-se considerar que há países onde, nas últimas décadas, se verificou um significativo crescimento do bem-estar de muitas famílias, que alcançaram um estado de vida seguro. Trata-se dum resultado positivo da iniciativa privada e de leis que sustentaram o crescimento económico, aliado a um incentivo concreto às políticas familiares e à responsabilidade social. Possa este património de segurança e estabilidade alcançado ser agora partilhado com quantos foram obrigados a deixar as suas casas e o seu país para se salvarem e sobreviverem. Como membros da sociedade civil, mantenhamos vivo o apelo aos valores da liberdade, responsabilidade, fraternidade e solidariedade; e, como cristãos, encontremos sempre na caridade, na fé e na esperança o fundamento do nosso ser e da nossa atividade.

6. É interessante notar que o Apóstolo não quer obrigar os cristãos, forçando-os a uma obra de caridade; de facto, escreve: «Não o digo como quem manda». O que ele pretende é «pôr à prova a sinceridade do amor» demonstrado pelos Coríntios na atenção e solicitude pelos pobres (cf. *2Cor* 8,8). Na base do pedido de Paulo, está certamente a necessidade de ajuda concreta, mas a sua intenção vai mais longe. Convida a realizar a coleta, para que seja sinal do amor testemunhado pelo próprio Jesus. Enfim, a generosidade para com os pobres encontra a sua motivação mais forte na opção do Filho de Deus que quis fazer-Se pobre.

Na realidade, o Apóstolo não hesita em afirmar que esta opção de Cristo, este seu «despojamento», é uma «graça» – aliás, é «a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo» (*2Cor* 8,9) – e só acolhendo-a é que podemos dar expressão concreta e coerente à nossa fé. O ensinamento de todo o Novo Testamento revela a propósito uma especial unanimidade, como se verifica nesta passagem da Carta do apóstolo Tiago sobre a Palavra que foi semeada nos crentes: «Tendes de a pôr em prática e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque, quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não com quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática» (1,22-25).

7. No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres. Além disso acontece que alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, fiquem empantanados num mau uso dos bens e do património. São situações que manifestam uma fé frágil e uma esperança fraca e míope.

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efémera e falhada da vida.

Entretanto não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, como muitas vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caí. Por isso, «ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. (...) Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social» (FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 201). Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais «concebidas como uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos» (FRANCISCO, Carta encíclica *Frateli tutti*, 169). Em vez disso, é preciso tender para assumir a atitude do Apóstolo, que podia escrever aos Coríntios: «Não se trata de, ao aliviar os outros, vos fazer entrar em apuros, mas sim de que haja igualdade» (2Cor 8,13).

8. Estamos diante dum paradoxo, que, hoje como no passado, é difícil de aceitar, porque embate na lógica humana: há uma pobreza que nos torna ricos. Recordando a «graça» de Jesus Cristo, Paulo quer confirmar o que o próprio Senhor pregou, ou seja, que a verdadeira riqueza não consiste em acumular «tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar» (Mt 6,19), mas, antes, no amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído. A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia duma guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que, a todos, seja consentida uma vida digna e feliz. A mensagem de Jesus mostra-nos o caminho

e faz-nos descobrir a existência duma pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. É a miséria que, enquanto constringe à condição de extrema indigência, afeta também a dimensão espiritual, que, apesar de muitas vezes ser transcurada, não é por isso que deixa de existir ou de contar. Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer.

Ao contrário, pobreza libertadora é aquela que se nos apresenta como uma opção responsável para alijar da estiva quanto há de supérfluo e apostar no essencial. De facto, pode-se individuar facilmente o sentido de insatisfação que muitos experimentam, porque sentem que lhes falta algo de importante e andam à sua procura como extraviados sem rumo. Desejosos de encontrar o que os possa saciar, precisam de ser encaminhados para os humildes, os frágeis, os pobres para compreenderem finalmente aquilo de que tinham verdadeiramente necessidade. Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito. Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade.

Um padre e doutor da Igreja, São João Crisóstomo, em cujos escritos se encontram fortes denúncias contra o comportamento dos cristãos para com os mais pobres, escrevia: «Se não consegues acreditar que a pobreza te faça tornar rico, pensa no teu Senhor e deixa de duvidar quanto a isso. Se Ele não tivesse sido pobre, tu não serias rico; trata-se de algo extraordinário: que da pobreza tenha derivado riqueza abundante. Aqui Paulo entende por “riquezas” o conhecimento da piedade, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação e milhares doutras coisas boas que nos foram dadas agora e para sempre. Tudo isto, o temos graças à pobreza» (*Homilias sobre a II Carta aos Coríntios*, 17,1).

**9.** O texto do Apóstolo a que se refere este *VI Dia Mundial dos Pobres* apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Se Paulo pôde comunicar este ensinamento – e a Igreja difundiu-lo e testemunhá-lo ao longo dos séculos – é porque Deus, em seu Filho Jesus, escolheu e seguiu esta estrada. Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar. A riqueza

de Jesus é o seu amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário. Por amor, despojou-Se a Si mesmo e assumiu a condição humana. Por amor, fez-Se servo obediente, até à morte e morte de cruz (cf. *Fl* 2,6-8). Por amor, fez-Se «pão de vida» (*Jo* 6,35), para que a ninguém falte o necessário, e possa encontrar o alimento que nutre para a vida eterna. Também em nossos dias parece difícil, como foi então para os discípulos do Senhor, aceitar este ensinamento (cf. *Jo* 6,60); mas a palavra de Jesus é clara. Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d'Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

**10.** No passado dia 15 de maio, canonizei o Irmão Carlos de Foucauld, um homem que, tendo nascido rico, renunciou a tudo para seguir Jesus e com Ele tornar-se pobre e irmão de todos. A sua vida eremita, primeiro em Nazaré e depois no deserto do Saara, feita de silêncio, oração e partilha, é um testemunho exemplar da pobreza cristã. Ajudar-nos-á a meditação destas suas palavras: «Não desprezemos os pobres, os humildes, os operários; são não só nossos irmãos em Deus, mas também os que mais perfeitamente imitam a Jesus na sua vida exterior. Eles apresentam-nos perfeitamente Jesus, o Operário de Nazaré. São primogénitos entre os eleitos, os primeiros chamados ao berço do Salvador. Foram a companhia habitual de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte (...). Honremo-los, honremos neles as imagens de Jesus e dos seus santos progenitores (...). Tomemos para nós [a condição] que Ele tomou para Si (...). Nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres; sejamos os mais pobres dos pobres, como Jesus, e como Ele amemos os pobres e rodeemo-nos deles» (*Comentário ao Evangelho de Lucas*, Meditação 263)<sup>1</sup>. Para o Irmão Carlos, estas não eram apenas palavras, mas estilo concreto de vida, que o levou a partilhar com Jesus o dom da própria existência.

Oxalá este *VI Dia Mundial dos Pobres* se torne uma oportunidade de graça, para fazermos um exame de consciência pessoal e comunitário, interrogando-nos se a pobreza de Jesus Cristo é a nossa fiel companheira de vida.

*Roma, São João de Latrão, 13 de junho de 2022, Memória de Santo António de Lisboa.*

**Francisco**

---

<sup>1</sup> *Meditação n. 263, sobre Lc 2,8-20: C. DE FOUCAULD, A Bondade de Deus. Meditações sobre os santos Evangelhos. I, Nouvelle Cité – Montrouge 1996, 214-216.*

## Homilia do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres

Santa Missa na Basílica Vaticana  
XXXIII Domingo do Tempo Comum, 14 de novembro de 2021

As imagens utilizadas por Jesus, na primeira parte do Evangelho de hoje, deixam-nos apreensivos: o sol escurece, a lua deixa de dar claridade, as estrelas caem e as forças celestes são abaladas (cf. *Mc* 13,24-25). Mas, pouco depois, o Senhor abre à esperança: será num momento assim, de total obscuridade, que há de vir o Filho do Homem (cf. *Mc* 13,26); e agora já se podem contemplar os sinais da sua vinda, como quando deduzimos que o verão está próximo por ver que a figueira começa a cobrir-se de folhas (cf. *Mc* 13,28).

Deste modo, o Evangelho ajuda-nos a ler a história, captando dois aspetos dela: *as dores de hoje e a esperança de amanhã*. Por um lado, evocam-se todas as dolorosas contradições em que a realidade humana vive imersa em cada tempo; por outro, há o futuro de salvação que a espera, isto é, o encontro com o Senhor que vem para nos libertar de todo o mal. Vejamos estes dois aspetos, com o olhar de Jesus.

O primeiro aspeto: *a dor de hoje*. Vivemos numa história marcada por tribulações, violências, sofrimentos e injustiças, à espera duma libertação que parece nunca mais chegar. E os feridos, oprimidos e às vezes esmagados por tudo isso são sobretudo os pobres, os elos mais frágeis da cadeia. O *Dia Mundial dos Pobres*, que estamos a celebrar, pede-nos que não viremos a cara para o outro lado, não tenhamos medo de olhar de perto o sofrimento dos mais frágeis, para os quais o Evangelho de hoje parece ser muito atual: o sol da sua vida, muitas vezes, é obscurecido pela solidão, a lua das suas expectativas apaga-se; as estrelas dos seus sonhos caíram na resignação e acaba abalada a sua própria existência. Tudo isto por causa da pobreza a que, muitas vezes, se veem constrangidos, vítimas da injustiça e da desigualdade duma sociedade do descarte, que corre apressada sem os ver e, sem escrúpulos, os abandona ao seu destino.

Em contrapartida, existe o segundo aspeto: *a esperança de amanhã*. Jesus quer abrir-nos à esperança, arrancar-nos da angústia e do medo à vista da dor do mundo. Para isso assegura-nos: ao mesmo tempo que o sol se obscurece e tudo parece cair é precisamente quando Ele Se faz próximo de nós. Nos gemidos da nossa dolorosa história, há um futuro de salvação que começa a germinar por entre os dramas da história. A esperança de amanhã floresce na dor de hoje. Sim, a salvação de Deus não é só uma promessa reservada para o Além, mas cresce já agora dentro da nossa história ferida – todos temos o coração enfermo –, abre caminho por entre as opressões e injustiças do mundo. É

precisamente no meio do lamento dos pobres que o Reino de Deus desabrocha como as folhas tenras duma árvore e conduz a história para a meta, para o encontro final com o Senhor, o Rei do Universo que nos libertará definitivamente.

Chegados aqui, perguntemo-nos: Diante desta realidade, que nos é pedido a nós, cristãos? É-nos pedido que *alimentemos a esperança do amanhã, curando a dor de hoje*. As duas estão interligadas: se não vais curando as dores de hoje, dificilmente terás a esperança do amanhã. De facto, a esperança que nasce do Evangelho não consiste em esperar passivamente por um amanhã em que as coisas hão de correr melhor – isto não é possível! –, mas em tornar concreta hoje a promessa de salvação de Deus: hoje, cada dia... De facto, a esperança cristã não consiste num bendito otimismo, ou diria melhor num otimismo adolescente de quem espera que as coisas mudem e, entretanto, continua a pensar nas suas coisas. A esperança cristã consiste em construir, dia a dia, com gestos concretos, o Reino do amor, da justiça e da fraternidade que Jesus inaugurou. Por exemplo, a esperança cristã não foi semeada pelo levita nem pelo sacerdote que passaram ao lado daquele homem ferido pelos ladrões; foi semeada por um estranho, por um samaritano, que parou e realizou a ação (cf. *Lc 10,30-35*). E hoje, é como se a Igreja nos dissesse: «Para e semeia esperança na pobreza. Aproxima-te dos pobres e semeia esperança». A esperança daquela pessoa, a tua esperança e a esperança da Igreja. O que nos é pedido é isto: por entre as ruínas quotidianas do mundo, ser construtores incansáveis de esperança; ser luz quando o sol obscurece; ser testemunhas de compaixão quando, à nossa volta, reina a distração; ser amorosos e atentos, no meio da indiferença generalizada. Testemunhas de compaixão. Nunca poderemos fazer o bem sem passar pela compaixão. Quando muito, faremos coisas boas, mas que não tocam o caminho cristão, porque não tocam o coração. O que nos faz tocar o coração é a compaixão: aproximamo-nos, sentimos compaixão e realizamos atos de ternura. É assim o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. É isto que nos é pedido hoje.

Recentemente voltou-me à mente aquilo que costumava repetir um bispo próximo dos pobres, Don Tonino Bello, e também ele pobre em espírito: «Não podemos limitar-nos a esperar, devemos organizar a esperança». Se a nossa esperança não se traduzir em opções e gestos concretos de atenção, justiça, solidariedade, cuidado da casa comum, não poderão ser aliviados os sofrimentos dos pobres, não se poderá mudar a economia do descarte que os obriga a viver à margem, não poderão florescer de novo os seus anseios. Nós, os cristãos, de modo especial, temos a missão de *organizar a esperança* – esta expressão de Don Tonino Bello é muito bela: organizar a esperança! –, traduzi-la diariamente em vida concreta nas relações humanas, no compromisso sociopolítico. Isto faz-me pensar no trabalho que tantos cristãos realizam através das obras de caridade, no trabalho da Esmolária Apostólica... Que se faz por lá? Organiza-se a esperança... Não se dá uma moeda; organiza-se a esperança. Esta é uma dinâmica que a Igreja nos pede hoje.

Hoje, Jesus oferece-nos uma imagem simples e ao mesmo tempo sugestiva da esperança: é a imagem das folhas da figueira, que desabrocham sem fazer barulho, assinalando que o verão está próximo. E estas folhas aparecem – sublinha Jesus –, quando o ramo está tenro e delicado (cf. *Mc* 13,28). Irmãos, irmãs, aqui está a palavra que faz germinar a esperança no mundo e alivia a dor dos pobres: *a ternura*. A compaixão que te leva à ternura. Depende de nós superar o fechamento, a rigidez interior, que é a tentação de hoje, dos «restauracionistas» que querem uma Igreja ordenada e rígida: isto não é do Espírito Santo. E devemos ultrapassar isto e, nesta rigidez, fazer germinar a esperança. Também depende de nós vencer a tentação de nos preocuparmos apenas com os nossos problemas, para nos enternecermos diante dos dramas do mundo, compadecendo-nos da dor. À semelhança das folhas tenras da árvore, somos chamados a absorver a poluição que nos rodeia e transformá-la em bem: não adianta falar dos problemas, criar polémicas, escandalizar-nos... (todos sabemos fazer isto!); o que adianta é imitar as folhas que, sem chamar a atenção, todos os dias transformam o ar poluído em ar puro. Jesus quer que sejamos «convertedores de bem»: pessoas que, imersas no ar pesado que todos respiram, respondem ao mal com o bem (cf. *Rm* 12,21). Pessoas que agem: partilham o pão com os famintos, trabalham pela justiça, elevam os pobres e devolvem-lhes a sua dignidade, como fez aquele samaritano.

É bela, é evangélica, é jovem uma Igreja que sai de si mesma e, como Jesus, anuncia a Boa Nova aos pobres (cf. *Lc* 4,18). Repito este último adjetivo: uma Igreja assim é jovem; a juventude de semear esperança. É uma Igreja profética, que, com a sua presença, diz aos corações desanimados e aos descartados do mundo: «Coragem! O Senhor está próximo! No coração do inverno há um verão que desabrocha também para ti. Também da tua dor pode ressurgir a esperança». Irmãos e irmãs, levemos ao mundo este olhar de esperança. Levemo-lo com ternura aos pobres, aproximando-nos deles, com compaixão, sem os julgar – julgados, seremos nós –. Porque lá, junto deles, junto dos pobres, está Jesus; porque lá, *neles*, está Jesus, que nos espera.

## *Lectio divina*

### *Lectio*

#### 2Coríntios 8,1-24

*Queremos dar-vos a conhecer, irmãos, a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedónia. No meio de grandes tribulações com que foram provadas, distribuíram generosamente e com transbordante alegria, apesar da sua extrema pobreza, os tesouros da sua liberalidade. Sou testemunha de que eles, segundo as suas posses e para além das suas posses, nos pediram espontaneamente e com muita insistência a graça de participarem neste serviço em favor dos cristãos [de Jerusalém]. E ultrapassando as nossas esperanças, deram-se a si mesmos, primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus. Por isso pedimos a Tito que levasse a bom termo entre vós esta obra de generosidade, como tinha começado.*

*Portanto, já que sobressaís em tudo – na fé, na eloquência, na ciência, em toda a espécie de atenções e na caridade, que vos ensinámos – deveis também sobressair nesta obra de generosidade. Não vo-lo digo como quem manda, mas quero verificar, perante a solicitude alheia, a sinceridade da vossa caridade. Conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele, que era rico, fez-se pobre por vossa causa, para vos enriquecer com a sua pobreza. Dou-vos apenas a minha opinião neste assunto, porque assim é do vosso interesse, tanto mais que fostes os primeiros, já desde o ano passado, não só a sugerir, mas também a empreender esta obra. II Agora levai-a a bom termo, de modo que, assim como fostes prontos em querê-la, também sejais prontos em realizá-la, segundo as vossas possibilidades.*

*Quando há boa vontade em dar, é bem aceite o que se tem e não importa o que se não tem. Não se trata de vos sobrecarregar para aliviar os outros, mas sim de procurar a igualdade. Nas circunstâncias presentes, aliviái com a vossa abundância a sua indigência, para que, um dia, eles aliviem a vossa indigência com a sua abundância. E assim haverá igualdade, como está escrito: «A quem tinha colhido muito não sobrou, e a quem tinha colhido pouco não faltou».*

*Graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por vós! Não só recebeu bem o meu pedido, mas partiu espontaneamente, cheio de solicitude, para junto de vós. Com ele enviámos juntamente aquele irmão cuja atividade pelo Evangelho é louvada em todas as Igrejas e que, além disto, foi ainda designado pelas Igrejas para nosso companheiro de viagem, nessa obra de caridade em que nos empenhamos, para glória do Senhor e como prova da nossa boa vontade. Assim evitamos que alguém nos critique pela administração dessa importante quantia, confiada ao nosso cargo, pois procuramos fazer o bem», não só «diante de Deus, mas também «diante dos homens.*

*Com eles enviámos ainda um nosso irmão cujo zelo temos frequentemente comprovado em muitos casos e que se mostra agora muito mais zeloso, em virtude da grande confiança que deposita em vós. No que se refere a Tito, é meu companheiro e meu colaborador junto de vós; quanto aos nossos irmãos, são delegados das Igrejas e glória de Cristo. Aos olhos das Igrejas, dai-lhes a prova da vossa caridade e a razão de nos gloriarmos a vosso respeito.*

## A coleta para os pobres e o exemplo de Cristo

A situação epistolar subjacente no background de 2Cor 8,9 é tudo menos tranquila. Paulo está a enfrentar um dos mais difíceis “problemas” de natureza eclesial que afligem o seu coração de pai e mestre. Trata-se da questão relacionada com a coleta para enviar aos “santos da Igreja de Jerusalém”. Na resenha das suas epístolas emerge com evidente preponderância o estilo da diatribe, instrumento típico de argumentação das escolas de retórica antiga. A estratégia estilística é suportada por uma clara tomada de posição por parte do Apóstolo: favorecer a conversão dos seus destinatários e apoiá-los no seu percurso de crescimento na fé e de apropriação progressiva da mensagem cristã. Também na Segunda Carta aos Coríntios não falta o recurso a este estilo argumentativo. Esta Carta nasce do restabelecimento de relações entre Paulo e a comunidade. A retoma da relação reveste-se de tonalidades de uma reconciliação patente e confortável. Ao que parece, foram totalmente neutralizadas as acusações sem escrúpulos feitas ao Apóstolo, de que ele “comercializava” a Palavra de Deus e que vivia numa espécie de dimensão comportamental esquizofrénica – duro nas cartas e pouco assertivo quando está presente – da autoria de um suposto “inimigo” anónimo que se introduziu no interior das comunidades de Corinto. A mediação de Tito, colaborador valoroso e incansável, produziu um efeito benéfico e a graça do perdão levou a melhor sobre os ventos de tempestade que ameaçavam pôr em perigo os fundamentos de uma comunidade que mereceu a dedicação de mais de um ano de missão e quatro epístolas, das quais somente duas se conservam no cânone das Escrituras. Depois de ter sido restabelecida a relação de confiança com os Coríntios, no seguimento das reconfortantes notícias que lhe chegaram através de Tito (cf. 2Cor 7,5-16), Paulo pode exortá-los a retomar a coleta interrompida no ano anterior (cf. 2Cor 8,10).

A exortação não procede, como habitualmente, do geral para o particular, mas do particular da organização relativa à coleta (cf. 2Cor 8,1-24) para o geral do seu valor espiritual (cf. 2Cor 9,11-15). O epílogo da secção, com o agradecimento final, antecipa a gratidão da comunidade de Jerusalém pela oferta da coleta, independentemente do sucesso que a exortação paulina viera a surtir entre os Coríntios. Mas de que se trata? Qual é a função da coleta? A quem se destinava?

A definição paulina é *logeia*, ou seja, “recolha” (do grego *legein* = recolher). Contudo, ele prefere alguns sinónimos que representam eufemismos úteis para tornar o seu significado mais elevado: *eulogia* (“bênção”; cf. 2Cor 9,5.5.6), *charis* (graça; cf. 1Cor 16,3; 2Cor 8,6), *koinōnia* (comunhão; cf. 2Cor 8,4; 9,13), *diakonia* (serviço; cf. Rm 15,31), *dikaiosynē* (justiça; 2Cor 9,4), *leitourgia* (ministério litúrgico; cf. 2Cor 9,12), *haplotēs* (generosidade; 2Cor 8,2), *agapē* (amor/caridade; cf. 2Cor 8,24). A ênfase sobre o sentido metafórico do termo “coleta” e sobre o significado teológico que ele adquire mostra de que modo, para Paulo, esta coleta representa uma ação de graças e de bênção e que, por esse mesmo motivo, marca um ponto decisivo de transformação para o prosseguimento da sua missão. O Apóstolo apela a esta obra de graça que não é desconhecida dos Coríntios. Com efeito, eles já experimentaram, não em sentido ideológico, a qualidade da coleta como ação que concretiza a partilha da riqueza de Deus, assumida por Cristo em termos paradoxais. O texto apresenta-se, desde o seu início, com uma nota propositadamente ilógica: como é possível que Jesus Cristo, despojado da sua riqueza original, possa enriquecer outros através da oferta da sua pobreza? Na mesma carta, no capítulo 5,21, a paradoxalidade de Cristo é colocada em relação com a condição do pecado; Ele que não tinha conhecido pecado, por Deus foi feito pecador, para que, na destruição do pecado, que teve lugar com a sua morte, cada homem, reinserido no mistério redentor da graça, se tornasse justiça de Deus. Em Cristo é possível alcançar a referência para todos os crentes. A possibilidade da imitação da caridade de Cristo tem lugar na referência ao próximo. A este nível, o paradoxo da pobreza enriquecedora encontra uma solução racional. Do mesmo modo que,

efetivamente, o amor de Cristo chega ao nível agápico e se torna manifesto porque encontra a sua referência em cada pessoa humana, também o amor que se tem pelo próximo atinge a elevação dessa caridade divina, por ter como modelo o exemplo de Jesus que empobreceu para enriquecer os outros, até chegar à plena oferta de Si mesmo. Definitivamente, é possível relevar uma referência comum no modo de amar de Cristo e de cada crente.

São Paulo mostra-o aos Coríntios através do instrumento retórico de um impercetível, mas fundamental complemento de vantagem: “por vós” (cf. v. 9). O excesso da caridade parte da desvantagem da condição de uma pobreza paradoxal que se enriquece na dinâmica do dom. Esta última, intercetando e envolvendo a pobreza de outrem, aumenta de valor e predispõe-se a tornar-se oferta de partilha da mesma pobreza, transformando-se em riqueza para o próximo. Com o exemplo cristológico, Paulo pode construir a estrutura que sustenta a recomendação para que os Coríntios realizem a coleta que tinha começado no ano anterior. Nesta perspectiva, é ainda útil um outro exemplo, o da caridade dos Macedônios. Paulo utiliza-o para aumentar a dose do seu pedido. Os irmãos da Macedónia «deram-se a si mesmos, primeiro ao Senhor» (cf. v. 5) e, em obediência a Deus, colocaram-se à disposição de Paulo e dos seus colaboradores. Por conseguinte, não é a quantidade da oferta dos Coríntios que decide a sorte económica dos irmãos mais pobres da Igreja de Jerusalém, mas a sua qualidade. Propositadamente, o Apóstolo sublinha que as Igrejas da Macedónia são comunidades particularmente «atribuladas, provadas e de extrema pobreza» (cf. v. 2). O princípio da solidariedade cristã tem os seus fundamentos não tanto na liberalidade de ofertas ingentes de pessoas abastadas, mas no sacrifício alegre de quem se vê diariamente diante de uma dura precariedade económica. As Igrejas da Macedónia são formadas por pobres que ajudam outros pobres. A solidariedade assim entendida gera uma cultura da proximidade que se rege pelo princípio da igualdade social de matriz eclesiológica. Este princípio tem as suas raízes profundas no episódio do dom do maná, narrado no Êxodo, oferecido por Deus na medida da necessidade e não do excesso. Nesta ótica, a exortação de Paulo aos Coríntios promove o valor da solidariedade e realiza o primado do bem comum com o objetivo de compensar os desequilíbrios económicos e pôr travão à cultura do desperdício, de modo a favorecer uma ética da proximidade que alivia os sofrimentos, sara as feridas, confere de novo a dignidade perdida, torna-se lugar santo onde se pode encontrar a presença de Deus. O “permanecer” do sentido teológico em cada gesto de solidariedade resolve o problema da caridade parte-time.

No último Dia Mundial dos Pobres, o Papa Francisco reiterou que «os pobres não são pessoas “externas” à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social. Aliás sabe-se que um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça».

Esta urgência de qualidade abrange os gestos de solidariedade que as nossas realidades eclesiais são chamadas a pôr em prática. A práxis eclesial que anima a forma de trabalhar da *Caritas* deve orientar-se para o modelo paulino da “imitação de Cristo” (*imitatio Christi*). Só com o olhar fixo no exemplo cristológico será possível descortinar nos gestos de solidariedade fraterna os sinais da presença de Cristo humilhado até ao degredo da pobreza extrema, até chegar a enriquecer com a sua pobreza os indigentes e os necessitados de cada tempo e de cada lugar. É neste âmbito que se coloca a obra generosa de tantos fiéis que, em conformidade com o ensinamento evangélico da caridade silenciosa e discreta (cf. Mt 6,3), oferecem devotamente um apoio económico a quem não tem o necessário para fazer face às despesas de primeira necessidade. Vai sendo cada vez mais habitual a

promoção da prática de compras partilhadas nos grandes supermercados, mas também nas pequenas lojas. Esta é útil por vários motivos: é do interesse de todos, de crentes e não-crentes, requer o envolvimento de um número exíguo de agentes, alcança com extrema rapidez o objetivo da educação para a solidariedade.

Nos últimos anos tem-se verificado um pedido cada vez mais urgente da presença de cantinas da Cáritas e de casas de acolhimento que apoiem as instituições locais na luta contra as consequências da fome, da miséria e dos problemas sociais a elas associados. Nestes apoios é sempre indispensável preservar o direito à dignidade da pessoa, suportando este princípio com a ação desinteressada de muitos leigos, ao lado de sacerdotes, religiosos e religiosas, que se entregam com altruísmo e zelo num testemunho límpido de solidariedade evangélica.

Há muito que sensibilizar a comunidade para as ofertas em favor dos mais necessitados, sejam eles mais próximos ou mais afastados, faz parte do ordinário das linhas orientadoras de uma pastoral eclesial. É preciso reavivar a pastoral como uma verdadeira escola, que eduque e estimule para redescobrir no amor e na oferta sincera a identidade do cristão crente e credível.

Revedo rapidamente as principais ações de caridade cristã, é possível verificar como se mantém atual a exortação de Paulo aos fiéis de Corinto. Reformulando os seus conteúdos e atualizando-a ao nosso contexto histórico e social, o valor da coleta continua perene e perentório. A Igreja deve continuar a sua missão na fidelidade ao anúncio do Evangelho aos pobres, sensibilizando os crentes para redescobrir na solidariedade o coração da mensagem de Cristo. É preciso transformar toda a ação pastoral, para a tornar mais conforme ao exemplo de Cristo, porque «Aquele que dá a semente ao semeador e o pão para alimento também vos dará a semente em abundância e multiplicará os frutos da vossa justiça» (2Cor 9,10). Enfim, mais do que considerar o mísero valor do que oferecemos, é preciso ter em conta a promessa da inestimável riqueza que recebemos do Senhor.

## Salmo 113 (112)

### HINO A DEUS, MISERICORDIOSO PARA COM OS POBRES

Aleluia

Louvai, servos do Senhor,  
louvai o nome do Senhor.

Bendito seja o nome do Senhor,  
agora e para sempre.

Desde o nascer ao pôr do sol,  
seja louvado o nome do Senhor.

O Senhor domina sobre todos os povos,  
a sua glória está acima dos céus.

Quem se compara ao Senhor nosso Deus,  
que tem o seu trono nas alturas

e Se inclina lá do alto  
a olhar o céu e a terra?

Levanta do pó o indigente  
e tira o pobre da miséria,

para o fazer sentar com os grandes,  
com os grandes do seu povo,

e, no lar, transforma a estéril  
em ditosa mãe de família.

Aleluia.

## Comentário teológico-pastoral

### A graça do pobre

Entre os objetivos a que, em 2015, a ONU se propôs para o ano 2030, em vista de um desenvolvimento sustentável, no primeiro ponto está a erradicação da pobreza. Considerando que, em 2021, ainda havia mais de 800 milhões de pessoas a viver em situação de pobreza extrema (abaixo dos 1,25 dólares por dia), facilmente se percebe que não será muito simples cumprir este compromisso. Mais ainda, se acrescentarmos outros fatores que a guerra contra a Ucrânia veio piorar de forma inevitável, como a crise de fornecimento de cereais e o aumento do preço dos fertilizantes. Tal como em qualquer outro combate, também aqui emergem o caráter conflitual e a violência sistémica do atual sistema global, que não se fica pelas divisões geopolíticas habitualmente utilizadas para descrever o mundo humano.

É um facto que facilmente passamos por cima da pobreza. Habitualmente, há reações de dois tipos: ou ficar calados ou virar costas. O Papa chamou várias vezes à atenção para isto: quando encontrarmos um pobre, até podemos lembrar-nos de lhe dar alguma coisa, mas dificilmente o olhamos nos olhos ou lhe dirigimos a palavra. Nos países ricos, criam-se espaços residenciais a que a pobreza pura e simplesmente não tem acesso; se, por acaso, a televisão mostrar cenas de pobreza, muda-se logo de canal. De certa forma, procura-se fingir que não nos apercebemos desta realidade, de a fazer calar, como se tudo isto não dependesse também de cada um de nós. Na verdade, o pobre é a pedra de escândalo que, pelo menos, permite tomar consciência de que ainda há algo que não funciona e que temos de trabalhar para mudar as coisas, para prestar ouvidos à «humanidade que implora a paz». Se isto está de acordo com o desejo de cada homem e de cada mulher de boa vontade, há uma questão teológica que emerge: qual a motivação cristã para o fazer? E, mais ainda: qual é o dom da graça que é necessário neste compromisso? Que caminho de salvação se abre?

Pode parecer paradoxal, mas, na realidade, o pobre é um sinal evangélico. É-o, antes de mais, através do olhar de Jesus. Com efeito, Ele é capaz de abrir os olhos para ver o mundo na sua alteridade e observa aquilo que outros não têm a coragem de notar: apercebe-se da pobre viúva no meio da balbúrdia do templo (cf. Mc 12,41-44), compara Deus a uma mulher feliz por ter encontrado uma pequena moeda que tinha perdido (cf. Lc 15,8-10), sublinha a atitude do samaritano que vê um desgraçado e se aproxima dele (cf. Lc 10,30-35), deixa-se perturbar por uma estrangeira que só tinha direito às migalhinhas (cf. Mc 7,24-30), dá valor ao pouco pão e aos poucos peixes que os discípulos têm para se transformarem no muito que a compaixão consegue repartir (cf. Mt 14,13-21). E coloca

no centro da sua missão e da sua mensagem precisamente os pobres: «A quantos sentiam o peso do sofrimento, acobardados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20); e com eles se identificou: “Tive fome e destes-me de comer”, ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25,34-40» (EG 197). Na realidade, esta atenção especial corresponde a um dinamismo presente na história da salvação: «Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres» (EG 197). Já a este nível, o olhar de quem é discípulo de Jesus é um olhar carregado de evangelização, uma vez que pede para olhar o mundo com olhos diferentes, tocados e curados pela graça cristã. Trata-se de imitar a forma como o Nazareno olha o mundo e, ao mesmo tempo, torná-lo presente. M. Delbrêl recordava isto, a partir do símbolo da bacia da última ceia:

Se eu tivesse de escolher uma relíquia da tua Paixão,  
tomaria justamente aquela bacia cheia de água suja.  
Girar o mundo com aquele recipiente  
e, a cada pé, cingir-me com a toalha  
e curvar-me para baixo,  
nunca levantando a cabeça acima das pernas,  
para não distinguir os inimigos dos amigos  
e lavar os pés do vagabundo, do ateu, do drogado,  
do preso, do assassino, de quem deixou de me cumprimentar,  
daquele companheiro por quem deixei de rezar,  
em silêncio,  
até que todos tenham percebido no meu  
o teu Amor.

Podemos verificá-lo, ainda mais, através da pobreza de Jesus «que era rico e Se fez pobre por vossa causa, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2Cor 8,9). Que pretende São Paulo com esta afirmação? Como é que Jesus Se fez pobre e de que modo nos torna ricos? Podemos ler esta sua afirmação a, pelo menos, três níveis.

O primeiro nível de leitura é teológico. A afirmação de Paulo diz-nos algo sobre a vida própria de Deus e da sua vontade de oferecer ao mundo a salvação: o seu amor é tão grande e onipotente que vai até ao fim. É neste movimento que se revela a caridade de Deus: o Filho de Deus despojou-Se da sua glória divina para habitar entre os homens e desvelar os segredos de Deus (cf. Ef 2,6-11; DV 4). É revelação da condescendência de Deus, que toma a iniciativa de abrir o caminho da reconciliação: «Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o

homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16). Neste sentido, a pobreza de Jesus já leva a experimentar a riqueza da graça de Deus.

A segunda leitura do texto paulino é de tipo escatológico. A pobreza de Jesus é um sinal que nos ajuda a compreender o futuro para onde se encaminha a nossa história. Embora, provavelmente, não consigamos definir melhor a condição social de Jesus e da sua família, Ele vive sem ter «onde pousar a cabeça» (Mt 8,20), e também aos missionários cristãos se pede que a sua existência seja marcada por uma precariedade deste tipo: «Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. 4 Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. 5 Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: “Paz a esta casa”. [...] Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa» (Lc 10,3-7). Esta opção não é uma atitude puramente ascética de domínio de si mesmo, como, por vezes, se pode interpretar. É a frase de São Paulo que o recorda: com efeito, o fazer-Se pobre de Jesus torna-se sinal daquilo que falta à história para ser história da riqueza de Deus, porque aponta para aquilo que é ou deveria ser o essencial, a sua paz; requer que a pessoa seja capaz de se abandonar nas mãos da Providência. Faz parte da pedagogia divina tomar a humanidade pela mão e mostrar-lhe o caminho que ainda tem pela frente para chegar à plenitude da salvação; a radicalidade das opções de Jesus e de todos os que quiserem imitá-l'O deixa para segundo plano tudo o que é supérfluo para dar um fundamento estável ao caminho humano pela via do Evangelho.

No entanto, há um terceiro nível que, no plano evangélico, pode ajudar a refletir sobre o tema que nos é proposto. Quando Jesus fala do Reino de Deus, do seu domínio sobre a história e sobre o mundo, não o descreve como um poder que se impõe pela violência. Essa seria a maneira humana de pensar: através do uso das armas, ou pura e simplesmente com voz forte, diante de quem é mais fraco e mais pobre ou mais humilde, para os obrigar a aderir às nossas ideias ou ao nosso querer. Mas Cristo faz-Se pobre e o seu reino «sofre violência e são os violentos que se apoderam dele» (Mt 11,12); a sua morte na cruz é precisamente a maior evidência desta dinâmica: «*Regnavit a ligno Deus*» (“Deus reinou a partir do madeiro”; cf. Fil 2,6-8). De resto, a importância da identificação entre pobre e Reino de Deus fica ainda mais clara se pensarmos na conversão que isto requer: pobre, Deus oferece-Se a nós, não como Alguém que precisamos de convencer para nos conceder favores, mas como apelo à nossa mais íntima humanidade, a que aparece no rosto de quem nos pede ajuda e na qual – livre de outros adornos – deve resplandecer a imagem e a semelhança do Criador.

Sinteticamente, na linha da Bíblia, estamos diante de dois caminhos (cf. Sl 1; Dt 11,26-28; Mt 7,13-14): a forma como abordamos este tema, e mais ainda como abordamos aqueles que são tocados por ele, pode ajudar-nos a fazer um exame de consciência sobre o estilo da nossa presença cristã e da nossa ação eclesial. Efetivamente, há uma pobreza que cultivamos de modo paternalista, de acordo com uma cultura do descarte (EG 53) que se vai reproduzindo continuamente a si mesma e que cria

bolsas de necessidades irresolúveis. Por outro lado, há uma cultura da solidariedade, em que as riquezas que a casa comum coloca à nossa disposição são partilhadas para saciar a fome e a sede de todos, filhos de um mesmo Pai. Somos convidados a tirar a carga moralista que, muitas vezes, atribuímos à solidariedade e a muni-la do seu potencial de renovação espiritual e social, do seu caráter propriamente evangélico e libertador: « Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas [...] exige que se contemple, antes de mais, a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé» (LS 158).

## *Vigília de oração*

«Jesus Cristo fez-Se pobre por vós» (cf. 2Cor 8,9)

### Introdução

Por amor, o Filho de Deus faz-Se homem, despoja-Se a Si mesmo e assume a condição humana – torna-Se pobre para enriquecer a nossa existência e elevá-la à glória do céu. Através da pobreza, Deus revela o seu amor pela criatura humana e, através desta pobreza, a pessoa humana, com a graça de Deus, torna-se feliz para sempre.

Esta vigília pretende ser um momento de oração, durante a qual uma comunidade oferece a Deus todas as atividades que realiza a favor das pessoas necessitadas ao longo de todo o ano. Portanto, não deve ser considerado com um momento *una tantum*, isto é, como uma celebração que se faz uma vez por ano, porque assim é exigido. Para evitar isto, seria bom convidar para a vigília todas as pessoas de boa vontade e todas as comunidades que, numa determinada paróquia ou sociedade, se dedicam, de diversas maneiras, a ajudar os pobres no corpo e no espírito.

O momento de oração pretende sublinhar que o princípio das nossas obras a favor dos pobres, bem como o fim de todos os nossos esforços a favor deles, se encontra em Deus, que inspira o nosso coração a dedicar-se ao próximo.

Jesus Cristo, que Se fez pobre por nós, recorda que, na pessoa necessitada, está Ele mesmo. Para nós, os crentes, encontrar alguém necessitado significa encontrar o próprio Jesus. Assim, a abordagem cristã distingue-se de todos os outros tipos de ajuda social e humanitária, que frequentemente vê no pobre um desgraçado e uma vítima.

No primeiro momento, o texto bíblico principal, da Segunda Carta aos Coríntios (8,7-15), convida a comunidade de Corinto e nós também a praticar generosamente as obras de caridade a favor dos necessitados. O apóstolo Paulo aponta para Jesus Cristo como modelo desta generosidade, uma vez que Ele Se tornou pobre para que nós fôssemos enriquecidos graças à sua pobreza. Este texto bíblico constituiu para nós uma dupla provocação: somos capazes de reconhecer o grande amor de Deus que Se faz pobre por nós? Sabemos segui-lo pelo caminho da pobreza e ajudar os outros **com** amor?

O segundo momento desdobra-se à volta do trecho evangélico de Mateus 6,19-34 e coloca frente a frente o consumismo omnipresente e o nosso estilo de vida, cuja nota dominante deveria ser a confiança no Senhor e na sua Providência. Precisamos sempre de questionar-nos qual é o bem mais precioso na nossa vida, porque onde estiver o nosso tesouro aí estará também o nosso coração (cf. Mt 6,21).

Lembramos que os textos escolhidos para este subsídio são apenas propostas. Quem organizar a vigília poderá fazer adaptações de acordo com as exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela de hospital, mosteiro, comunidade religiosa, etc.). Além disso, pode-se escolher alguns cânticos para cada momento e, para aprofundar os temas que emergem dos textos bíblicos escolhidos, pode-se preparar outra meditação ou então propor alguns testemunhos, sempre de acordo com as exigências e as possibilidades da comunidade de oração. Antes da bênção final,

poderia pensar-se noutra oração de intercessão, proferida pelo próprio sacerdote ou pelos fiéis, e dedicada às várias situações em que os pobres vivem.

Mesmo a escolha dos textos bíblicos pode ser modificada, à discrição de quem organiza o evento (por exemplo, pode-se escolher Ben-Sirá 7,27-30.32-36, “estende a mão ao pobre”). Também se pode pensar em preparar um momento, inspirando-se na vida de um santo ou noutra pessoa que se tenha distinguido no mundo católico pelo seu serviço aos pobres e pelo seu testemunho de vida.

A vigília poderia ser feita com o Santíssimo Sacramento exposto.

**Se se decidiu organizar a Vigília com o Santíssimo Sacramento exposto, o Sacerdote procede da forma habitual. Segue-se um cântico e umas palavras introdutórias, que poderiam ser estas:**

É já a sexta vez que celebramos na Igreja universal o Dia Mundial dos Pobres. É um momento de síntese, de agradecimento e de reflexão, para recomeçar com forças novas os nossos compromissos dos meses passados a favor dos pobres.

A imagem de Jesus Cristo que Se torna pobre, para enriquecer as nossas vidas através da sua pobreza, transforma-se para nós numa interrogação que nos interpela sobre a presença de Deus em cada pessoa que encontramos no nosso caminho, especialmente nos mais pequenos, nos mais fracos e nos mais infelizes. Nesta perspectiva, não somos só que damos apoio aos pobres, mas naquele encontro tocamos o próprio Deus que enriquece a nossa existência com a sua pobreza.

Com estes pensamentos, deixemo-nos guiar pelas palavras escritas pelo apóstolo Paulo na Segunda Carta aos Coríntios: «Jesus Cristo fez-Se pobre por vós».

**Canta-se um cântico**

## **1. Primeiro momento: Jesus Cristo fez-Se pobre por vós**

**2Cor 8,7-15**

### **Da Segunda Carta do apóstolo São Paulo aos Coríntios**

*Já que sobressaís em tudo – na fé, na eloquência, na ciência, em toda a espécie de atenções e na caridade, que vos ensinámos – deveis também sobressair nesta obra de generosidade. Não vo-lo digo como quem manda, mas quero verificar, perante a solicitude alheia, a sinceridade da vossa caridade. Conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele, que era rico, fez-Se pobre por vossa causa, para vos enriquecer com a sua pobreza. Dou-vos apenas a minha opinião neste assunto, porque assim é do vosso interesse, tanto mais que fostes os primeiros, já desde o ano passado, não só a sugerir, mas também a emprender esta obra. Agora levai-a a bom termo, de modo que, assim como fostes prontos em querê-la, também sejais prontos em realizá-la, segundo as vossas possibilidades.*

*Quando há boa vontade em dar, é bem aceite o que se tem e não importa o que se não tem. Não se trata de vos sobrecarregar para aliviar os outros, mas sim de procurar a igualdade. Nas circunstâncias presentes, aliviái com a vossa abundância a sua indigência, para que, um dia, eles aliviem a vossa indigência com a sua abundância. E assim haverá igualdade, como está escrito: “A quem tinha colhido muito não sobrou, e a quem tinha colhido pouco não faltou”.*

Seria oportuno que alguém dos presentes desse testemunho sobre o seu serviço a favor dos pobres, sublinhando o aspeto espiritual. Se não for possível apresentar um testemunho desse tipo, talvez se possa recorrer a testemunhos presentes em vários livros ou que se encontrem online.

Como alternativa, podem-se usar os textos seguintes para uma reflexão comunitária.

Se não consegues acreditar que a pobreza pode tornar-te rico, pensa no teu Senhor e deixa de ter dúvidas disso. Se Ele não Se tivesse feito pobre, tu não serias rico. Isto é extraordinário: da pobreza derivou uma riqueza abundante. Com “riquezas” Paulo quer significar o conhecimento da piedade, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação e outras milhentas coisas boas que nos foram oferecidas agora e sempre. Temos tudo isto graças à pobreza.

(São João Crisóstomo, *Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios*)

...não dar dos próprios bens também é um roubo. Talvez vos pareça exagerado aquilo que estou a dizer, mas não vos admireis: com efeito, com base nas Escrituras divinas, proponho-vos um testemunho que mostra de que forma o roubo, a fraude e o furto não consistem apenas em roubar os bens de outrem, mas também em recusar-se a dar dos próprios bens aos outros. A que passo concreto estou a referir-me? Reprendendo os judeus por meio do profeta, Deus diz: «A terra produziu os seus frutos e vós não pagastes os dízimos: os despojos dos pobres enchem as vossas casas» (cf. Gen 1,12; Sl 67,7; Mt 3,10; Is 3,14). Como se estivesse a dizer: «Uma vez que não destes as ofertas como de costume, roubastes o pobre». Diz isto para mostrar aos ricos que os bens que possuem pertencem aos pobres, tanto os que receberam por herança paterna, como os que acumularam de outro modo. E noutro passo diz: «Não despojes a vida do pobre» (Sir 4,1). Quem despojar, despoja os bens de outrem: com efeito, falamos de “despojos”, para nos referirmos à apropriação dos bens de outra pessoa. E com isto, portanto, aprendemos que, se não dermos esmola, seremos castigados como os ladrões. Com efeito, os bens são do Senhor, independentemente de como os fomos acumulando: e se os oferecermos aos necessitados, alcançaremos bens em grande quantidade. Por isso, Deus deu-te a graça de ter mais do que os outros: não para o desbaratar na luxúria, na embriaguez, com farras, com roupas de luxo e noutras molezas, mas para o repartir com os necessitados. Caso um cobrador de impostos gaste a seu bel-prazer o dinheiro que lhe foi confiado e se esqueça de o distribuir pelas pessoas como lhe foi mandado, paga as conseqüências e encaminha-se para a morte. Ora, como no caso deste cobrador de impostos, também o rico é uma espécie de cobrador que recebe riquezas que deve repartir com os pobres e que tem a tarefa de as distribuir aos seus companheiros de trabalho que estiverem a passar necessidade. Portanto, se gastar para si mesmo mais do que o necessário, no outro mundo encontrará uma pena muito grave. Com efeito, os seus bens não lhe pertencem, mas aos seus companheiros de trabalho.

(São João Crisóstomo, *Discursos sobre o pobre Lázaro*)

Depois de uns momentos de silêncio para reflexão pessoal, pode cantar-se um cântico.

De seguida, pode recitar-se a seguinte oração:

Maria, Mãe da esperança, *caminhai connosco!*  
Ensinai-nos a anunciar o Deus vivo;  
ajudai-nos a dar testemunho de Jesus, o único Salvador;  
tornai-nos serviçais com o próximo, acolhedores com os necessitados,  
obreiros de justiça, construtores apaixonados dum mundo mais justo;  
intercedei por nós que agimos na história  
certos de que o desígnio do Pai se realizará.

Aurora dum mundo novo,  
mostrai-Vos, Mãe da esperança, e *velai por nós!*  
Velai pela Igreja na Europa:  
que ela seja transparência do Evangelho; seja autêntico espaço de comunhão;  
viva a sua missão de anunciar, celebrar e servir  
o Evangelho da esperança para a paz e a alegria de todos.

Rainha da paz, *protegei a humanidade do terceiro milénio!*  
Velai por todos os cristãos: que eles prossigam cheios de confiança no caminho da unidade,  
como fermento para a concórdia do continente.

Velai pelos jovens, esperança do futuro:  
que eles respondam generosamente ao chamamento de Jesus.  
Velai pelos responsáveis das nações:  
que eles se empenhem na construção duma casa comum,  
onde sejam respeitados a dignidade e o direito de cada um.

Maria, *dai-nos Jesus!* Fazei que O sigamos e amemos!  
Ele é a esperança da Igreja, da Europa e da humanidade.  
Ele vive connosco, entre nós, na sua Igreja.

Convosco dizemos: «Vem, Senhor Jesus» (Ap 22, 20)!  
Que a esperança da glória, por Ele infundida nos nossos corações,  
produza frutos de justiça e de paz!

(São João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, n. 125)

## **2. Segundo momento – Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração**

**Mt 6,19-34**

**Do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus**

*Naquele tempo, disse Jesus: «Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destroem e os ladrões os assaltam e roubam. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não os destroem e os ladrões não os assaltam nem roubam. Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração.*

*A lâmpada do teu corpo são os olhos. Se o teu olhar for límpido, todo o teu corpo ficará iluminado. Mas se o teu olhar for mau, todo o teu corpo andarás nas trevas. E se a luz que há em ti são trevas, como serão grandes essas trevas!*

*Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro.*

*Por isso vos digo: Não vos preocupeis, quanto à vossa vida, com o que haveis de comer, nem, quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que o vestuário? Olhai para as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; o vosso Pai celeste as sustenta. Não valeis vós muito mais do que elas? Quem de entre vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à sua estatura? E porque vos inquietais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam; mas Eu vos digo: nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos inquieteis, dizendo: “Que havemos de comer? Que havemos de beber? Que havemos de vestir?”. Os pagãos é que se preocupam com todas estas coisas. Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de tudo isso. Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã tratará das suas inquietações. A cada dia basta o seu cuidado.»*

Depois da leitura bíblica, poderia ter lugar mais um testemunho. Desta vez, seria interessante encontrar o testemunho de uma pessoa que, no meio das dificuldades, tivesse encontrado Deus. Se não for possível apresentar um testemunho desse tipo, talvez se possa recorrer a testemunhos presentes em vários livros ou que se encontrem online.

Como alternativa, podem-se usar os textos seguintes para uma reflexão comunitária.

Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: “Isto é o meu Corpo”, confirmando o facto com a sua palavra, também afirmou: “Vistes-Me com fome e não Me destes de comer” (cf. Mt 25,42); e ainda: “Quantas vezes o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o recusastes” (cf. Mt 25,45).

Aprendamos, portanto, a refletir e a honrar a Cristo como Ele quer. Quando pretendemos honrar alguém, devemos prestar-lhe a honra que ele prefere e não a que mais nos agrada. Também Pedro julgava honrar a Cristo impedindo-O de lhe lavar os pés; ora isso não era honrá-l’O, mas precisamente o contrário. Assim deves também tu prestar-Lhe aquela honra que Ele mesmo ordenou, distribuindo pelos pobres as tuas riquezas. Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas de ouro.

Ao dizer isto, não quero impedir que se façam ofertas ao templo; o que quero é pedir que além dessas, e antes dessas, se pense na esmola aos pobres. Deus recebe, de facto, aqueles dons; mas agrada-Lhe mais a caridade para com os pobres.

(São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de Matteo*)

Não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, como muitas vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caiu. Por isso, «ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. [...] Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social» (FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 201). Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais «concebidas como uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos» (FRANCISCO, Carta encíclica *Fratelli tutti*, 169).

(Francisco, *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres*)

Depois de uns momentos de silêncio para reflexão pessoal, pode cantar-se um cântico.

De seguida, pode recitar-se a seguinte oração:

Bem-aventurados nós se, pobres de espírito,  
soubermos libertar-nos da confiança nos bens económicos  
e desejar em primeiro lugar  
os bens espirituais e religiosos,  
e se respeitarmos e amarmos os pobres  
como nossos irmãos e imagens vivas de Cristo.

Bem-aventurados nós se, educados na mansidão dos fortes,  
soubermos renunciar ao triste poder do ódio e da vingança  
e conhecermos a sabedoria de preferir ao temor das armas  
a generosidade do perdão, a aliança da liberdade e do trabalho,  
a conquista da verdade, da bondade e da paz.

(São Paulo VI, na Basílica da Anunciação, 05.01.1964)

O presidente da vigília resume-a com palavras suas, sublinhando, por um lado, o tema da pobreza e, por outro, o trabalho realizado em favor dos pobres por parte de muitas pessoas presentes.

Pode inserir-se aqui uma oração comunitária de intercessão, proferida pelo próprio sacerdote ou pelos fiéis, e dedicada às diferentes situações em que vivem os pobres.

Na conclusão da vigília, todos os presentes renovam a sua disponibilidade para servir as pessoas necessitadas conforme a vontade de Deus.

O celebrante introduz este momento com estas palavras ou outras semelhantes:

Caríssimos irmãos e irmãs, renovemos agora a nossa disponibilidade para dedicar, por mais um ano, as nossas vidas ao serviço dos mais necessitados. Digamos juntos:

Todos em pé proferem a seguinte oração:

Senhor, o Amor é paciente,  
dá-me a paciência que sabe viver dia após dia.  
Senhor, o Amor é benigno,  
ajuda-me a querer sempre o bem do pobre mais que o meu.  
Senhor, o Amor não é invejoso,  
ensina-me a alegrar-te com todos os êxitos.  
Senhor, o Amor não é altivo,  
lembra-me que não lhe atire à cara o que faço por ele.  
Senhor, o Amor não é orgulhoso,  
dá-me a coragem de dizer: «Errei».  
Senhor, o Amor não é inconveniente,  
dá-me a graça de ver o teu rosto no rosto do pobre.  
Senhor, o Amor não procura o seu próprio interesse,  
faz soprar na nossa vida o vento da gratuidade.  
Senhor, o Amor não se irrita,  
afasta de nós os gestos e as palavras que magoam.  
Senhor, o Amor não guarda ressentimento,  
reconcilia-nos no perdão capaz de esquecer os erros dos outros.  
Senhor, o Amor não se alegra com a injustiça,  
abre o nosso coração às necessidades de quem habita ao nosso lado.  
Senhor, o Amor alegra-se com a verdade,  
conduz os nossos passos para Ti que és o Caminho, a Verdade e a Vida.  
Senhor, o Amor tudo desculpa, tudo crê,  
tudo espera, tudo suporta.  
Ajuda-nos a encher de amor os dias que viveremos juntos.  
Ajuda-nos a acreditar que o Amor move montanhas.  
Ajuda-nos a esperar no Amor para além de toda a esperança.

Se a Vigília decorreu com o Santíssimo Sacramento exposto, o Sacerdote termina como faz habitualmente na adoração eucarística; se não, abençoa os presentes. No final, pode acrescentar:

Ide em paz para amar e servir o Senhor.

Todos respondem:

Graças a Deus.

## O Rosário dos Pobres

*Jesus Cristo fez-Se pobre por vós*

Como se reza o Rosário?

**P.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**T. Amen.**

**P.** Deus, vinde em nosso auxílio.

**T. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.**

**P.** Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

**T. Como era no princípio, agora e sempre. Amen.**

*No início de cada dezena, anuncia-se o “mistério”. Por exemplo, no primeiro mistério, contempla-se: “A Anunciação do Anjo a Maria”.*

*Depois de uma breve pausa de reflexão, reza-se: um Pai Nosso, dez Ave-Marias e um Glória.*

*Em cada dezena do terço, pode-se acrescentar uma invocação e uma oração; nesta proposta de Rosário as invocações são tomadas da Novena a Nossa Senhora dos Pobres, de Banneux.*

*No final do Rosário recita-se as Ladainhas ou outras orações marianas.*

### Introdução

#### Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 7)

No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres.

**C.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**T. Amen.**

**C.** Deus, vinde em nosso auxílio.

**T. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.**

**C.** Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

**T. Como era no princípio, agora e sempre. Amen.**

**Primeiro Mistério**  
***Senhor, Vós sois o meu único bem***

«Tu dizes: ‘Sou rico, tenho fortuna e não preciso de nada’, e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu» (Ap 3,17).

**Escutemos, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus do Livro dos Provérbios (30,7-9)**

Duas coisas Vos peço, Senhor,  
não mas negueis antes de eu morrer:  
Afastai de mim a fraude e a mentira;  
não me deis pobreza nem riqueza,  
concedei-me apenas o alimento necessário.  
Porque na abundância eu poderia renegar-Vos,  
dizendo: «Afinal, quem é o Senhor?»,  
e na miséria poderia roubar  
e assim profanar o nome do meu Deus.

**Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 7)**

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efémera e falhada da vida.

***Pai Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres.*

***Rogai por nós.***

**P. Oremos.** Virgem dos Pobres, conduzi-nos a Jesus, única fonte de graça, e ensinai-nos a docilidade ao Espírito Santo, para que arda em nós o fogo de amor que veio trazer-nos o advento do seu Reino. Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

**Ou então:** Virgem Maria, luz de quem caminha na escuridão, amparai os passos daqueles que são explorados e mortificados na sua dignidade, para que possam viver na certeza de que Deus não é indiferente à sorte dos filhos.

Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

**Segundo Mistério**  
***Eu Vos procuro, Senhor, minha esperança***

«Procurai o Senhor, vós todos os pobres da terra, que obedecéis aos seus mandamentos. Procurai a justiça, procurai a humildade; talvez encontreis proteção no dia da ira do Senhor» (Sf 2,3).

**Escutemos, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus do Livro do Ben-Sirá (4,1-4.8)**

Filho, não negues ao pobre a tua esmola, nem desvies os olhos do indigente.  
Não desprezes aquele que tem fome, nem irrites o pobre na sua necessidade.  
Não atormentes o coração do infeliz, nem recuses o auxílio ao atribulado.  
Não rejeites a súplica do aflito, nem voltes as costas ao humilde.

Dá ouvidos ao pobre de boa vontade,  
cumpre para com ele o teu dever e responde-lhe com serena afabilidade.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 9)**

Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d'Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

***Pai Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres.*

***Rogai por nós.***

**P. Oremos.** Virgem dos Pobres, Vós que dissestes: «Acreditai em mim, eu acreditarei em vós», nós Vos louvamos pela confiança que depositais em nós. Tornai-nos capazes de fazer opções que estejam de acordo com o Evangelho; ajudai-nos a gerir a nossa liberdade no serviço recíproco e no amor de Cristo para a glória do Pai.

**T. Amen.**

**Ou então:** Virgem Maria, amparo de quem espera em Vós, guardai no vosso coração todos aqueles que se veem obrigados a deixar a sua terra, para que encontrem acolhimento na solidariedade dos irmãos.

Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

### **Terceiro Mistério**

#### ***Levantai-me, Senhor, não me abandoneis***

«Levanta do pó o indigente e tira o pobre da miséria,  
para o fazer sentar com os grandes, com os grandes do seu povo» (Sl 113,7-8).

### **Escutemos, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus do Livro do Profeta Isaías (14,30.32)**

Os primogénitos dos pobres serão apascentados e os indigentes repousarão seguros.

O Senhor fundou Sião e nela procuram refúgio os humildes do seu povo.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 8)**

Desejosos de encontrar o que os possa saciar, precisam de ser encaminhados para os humildes, os frágeis, os pobres para compreenderem finalmente aquilo de que tinham verdadeiramente necessidade. Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito.

***Pai Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres.*

***Rogai por nós.***

**P. Oremos.** Virgem dos Pobres, salvai as nações: fazei que sejamos guiados por governantes sábios e concedei-nos a graça de que, vivendo em paz e harmonia entre si, todos os povos formem um único rebanho guiado por um único Pastor, Jesus Cristo, nosso Senhor.  
Ele vive e reina pelos séculos dos séculos.

**T. Amen.**

**Ou então:** Virgem Maria, consoladora dos enfermos e dos que perderam a confiança, cuidai de todos os que vivem na precariedade e dos que são marginalizados, para que, confiando sempre na fidelidade do Senhor, possam abrir de novo o seu coração à esperança.

Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

#### **Quarto Mistério**

##### ***Fazei de mim, Senhor, testemunha da alegria do Evangelho***

«O espírito do Senhor Deus está sobre mim,  
porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos humildes,  
a curar os corações atribulados,  
a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros» (Is 61,1).

#### **Escutemos, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus do Evangelho segundo São Lucas (6,20-23)**

Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus.

Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.

Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e proscreverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, porque é grande no Céu a vossa recompensa.

#### **Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 8)**

A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia duma guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que seja consentida a todos uma vida digna e feliz. A mensagem de Jesus mostra-nos o caminho e faz-nos descobrir a existência duma pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

#### ***Pai Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres.*

***Rogai por nós.***

**P. Oremos.** Virgem dos Pobres, confortai os doentes com a vossa presença; ensinai-nos a tomar a nossa cruz de cada dia juntamente com Jesus e fazei que sejamos lealmente comprometidos ao serviço dos pobres e de quem sofre.

**T. Amen.**

**Ou então:** Virgem Maria, do coração sempre aberto e disponível para acolher os famintos e todos os que têm fome e sede de justiça, nós Vos apresentamos os nossos irmãos explorados e humilhados: tornai-nos atentos às suas necessidades e disponíveis para caminhar com eles.

Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

#### **Quinto Mistério**

##### ***Senhor, dai-me a graça de viver em comunhão convosco e com os irmãos***

«A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma; ninguém considerava seu o que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum. Os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus com grande poder e gozavam todos de muita simpatia. Não havia entre eles qualquer necessitado, porque todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam o

produto das vendas, que depunham aos pés dos Apóstolos, e distribuía-se então a cada um conforme a sua necessidade.» (At 4,32-35).

### **Escutemos, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus do Evangelho segundo São Mateus (25,34-36)**

Vinde, benditos de meu Pai; recebi como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhastes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres (n. 9)**

Se Jesus Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar. A riqueza de Jesus é o seu amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário.

**P. Oremos.** Virgem dos Pobres, nós acreditamos em Vós e, confiantes na vossa intercessão materna, abandonamo-nos à vossa proteção. A Vós confiamos o caminho que a Igreja está a percorrer neste Terceiro Milénio, o crescimento moral e espiritual dos jovens, as vocações religiosas, sacerdotais, missionárias e a obra da Nova Evangelização.

**T. Amen.**

**Ou então:** Virgem Maria, seio acolhedor de quem vive na solidão e no abandono, não permitais que ninguém dos vossos filhos sofra por falta de calor humano e de amizade, mas encontrem irmãos dispostos a acolhê-los e a oferecer-lhes uma palavra amiga.

Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

### **Salve Rainha**

Salve, Rainha, mãe de misericórdia,  
vida, doçura, esperança nossa, salve!  
A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva.  
A Vós suspiramos, gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eia, pois, advogada nossa,  
esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei.  
E, depois deste desterro,  
nos mostrai Jesus, bendito fruto do Vosso ventre.  
Ó clemente, ó piedosa,  
ó doce Virgem Maria.  
Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,  
para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

### **Ladainhas evangélicas (Mt 5,1-12)**

Maria, Mãe dos pobres em espírito,  
Maria, Mãe dos que choram,  
Maria, Mãe dos mansos,  
Maria, Mãe dos que têm fome e sede de justiça,

**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**

Maria, Mãe dos misericordiosos,  
Maria, Mãe dos puros de coração,  
Maria, Mãe dos que fazem a paz,  
Maria, Mãe dos perseguidos,

**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**  
**nós Vos pedimos, escutai-nos.**

### **Oremos**

Senhor Jesus, nosso irmão, nós Vos pedimos pelos nossos irmãos,  
pelos doentes, pelos idosos, pelos marginalizados.  
Por aqueles que têm fome sem ter pão, mas também por quem tem pão sem ter fome.  
Por aqueles a quem ninguém presta atenção quando lhes passa ao lado,  
pelos que são explorados, pelos alcoólicos, pelas prostitutas.  
Pelos que estão sozinhos, pelos que estão sozinhos.  
Senhor, que os crentes não achem  
que um gesto de caridade é suficiente para curar muitas feridas.  
Sempre teremos pobres connosco:  
são o sinal da nossa pobreza de caminheiros,  
símbolo das nossas desilusões, parte dos nossos desesperos.  
Sempre os teremos connosco, ou melhor, dentro de nós.  
Concedei, Senhor, ao vosso povo em caminho  
a honra de entrever quem parou ao longo do percurso  
e de estar disponível para lhe dar a mão  
e para o colocar de novo em caminho  
na certeza de que quem espera em Vós não ficará desiludido.  
**Amen.**

(Don Tonino Bello, *Palavras de amor*)

**Ou então:**

**P.** Deus Pai misericordioso,  
Hoje em dia, muitos dos nossos irmãos são abandonados pelas suas famílias e pela própria sociedade.  
Não é por falta de pão, mas por falta de amor, que são abandonados e expostos ao perigo e à morte.

**T. Perdoai-nos, ó Pai!**

**P.** Nós Vos suplicamos que sejamos capazes de amar com sinceridade os pobres, que nem sequer têm força para pedir alimento; que sejamos misericordiosos, mesmo como Vós, Senhor, rico de misericórdia.

Tornai-nos capazes de amar aqueles que estão abandonados e crucificados, os inúmeros *Cristos* deste mundo, para aprendermos a amar não com palavras, mas com as obras e em verdade.

**T. Converti-nos, ó Pai!**

**P.** Estendemos as nossas mãos para Vós e para os nossos irmãos pobres.

Quando partilhámos o nosso pão com os famintos, confortámos os que aflitos e os doentes, acolhemos os sem abrigo nas nossas casas, vestimos os nus, procuramos estar próximos dos pobres, tocamos e cuidamos das suas feridas, a mesma carne ferida de Cristo redentor.

Só assim, ficarão curadas as nossas feridas, as das famílias e das sociedades.

**T. Escutai-nos, ó Pai!**

**P.** Estamos a passar por grandes provações e sofrimentos devido à pandemia. Arrependidos do nosso passado, reconhecendo que somos uma só humanidade, que não nos salvamos sozinhos, que ninguém se salva a si mesmo, mas que somente pelo amor a Vós e aos pobres poderemos instaurar o vosso Reino no mundo.

**T. Salvai-nos, ó Pai!**

**P.** Sentimos o desejo de viver no amor do vosso Filho, Jesus, que na cruz derramou o seu sangue para nos libertar do sofrimento e da morte eterna, para transformar o nosso mundo numa casa acolhedora onde ninguém fique abandonado, um mundo no qual todos possam amar-Vos a Vós e ao próximo como a si mesmos.

**T. Amai-nos, ó Pai! Amen.**

### Ladainhas a Maria, Mãe dos Pobres

Senhor, tende piedade de nós.  
Cristo, tende piedade de nós.  
Senhor, tende piedade de nós.

**Senhor, tende piedade de nós.  
Cristo, tende piedade de nós.  
Senhor, tende piedade de nós.**

Jesus Cristo, ouvi-nos.  
Jesus Cristo, atendei-nos.

**Jesus Cristo, ouvi-nos.  
Jesus Cristo, atendei-nos.**

Pai celeste que sois Deus,  
Filho, Redentor do mundo, que sois Deus,  
Espírito Santo, que sois Deus,  
Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

**tende piedade de nós.  
tende piedade de nós.  
tende piedade de nós.  
tende piedade de nós.**

Santa Maria,  
Santa Mãe de Deus,  
Santa Virgem das virgens,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Filha do Povo de Deus,  
Virgem de Nazaré,  
Eleita entre todas as mulheres,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Virgem simples de coração,  
Esposa de José operário,  
Rainha da família,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Mulher do nosso povo,  
Esperança dos oprimidos,  
Confiança dos mais pobres,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Virgem, Mãe de Cristo,  
Virgem, Mãe da Igreja,  
Virgem, Mãe dos homens,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Mãe que nos conheceis,

**guiai os nossos passos.**

Mãe que nos escutais,  
Mãe que nos compreendeis,

**iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Virgem, filha da humanidade,  
Filha de um povo peregrino,  
Presença viva na história,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Mãe que conheceis a dor,  
Mãe aos pés da cruz,  
Mãe para os que sofrem,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Senhora da alegria,  
Virgem luminosa,  
Rainha da paz,

**guiai os nossos passos.  
iluminai o nosso caminho.  
dai-nos o vosso Filho.**

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,  
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,  
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,

**perdoai-nos Senhor.  
ouvi-nos Senhor.  
tende piedade de nós.**

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

**para que sejamos dignos das promessas de Cristo.**

**P. Oremos:** Pai de misericórdia, concedei-nos a graça de, com Maria, glorificarmos a vossa bondade infinita e de gozarmos sempre da sua proteção, já que nela nos destes uma rainha clemente para com os pecadores e misericordiosa para com os pobres. Por Cristo, nosso Senhor.

**T. Amen.**

## **Oração inspirada na Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres**

Jesus Cristo, Nosso Senhor, Filho de Deus Encarnado, nós Vos adoramos e bendizemos, porque, sendo rico, Vos fizestes pobre por nós, para que nos tornássemos ricos por meio da vossa pobreza. A vossa riqueza é o vosso amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos.

Por amor, despojastes-Vos de Vós mesmo e assumistes a condição humana. Por amor, fizestes-Vos servo obediente, até à morte e morte de cruz. Por amor, tornastes-Vos «pão de vida», para que a ninguém falte o necessário, e todos possam encontrar o alimento que nutre para a vida eterna.

Concedei-nos a graça de seguir o caminho da vossa pobreza – que liberta e nos dá serenidade –, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, para que se crie a igualdade e os pobres sejam libertos da miséria.

Ensinai-nos a aproximar-nos dos pobres como de irmãos que nos estendem a mão, para nos desfazermos do que é inútil e, libertos de ansiedades e medos inconsistentes, atraquemos àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito.

Lembraí-nos de que a verdadeira riqueza consiste no amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído. Libertai-nos de um apego excessivo ao dinheiro, que nos impede de reconhecer as necessidades dos outros.

São Charles de Foucauld, vós que, tendo nascido rico, renunciastes a tudo para seguir Jesus e com Ele vos tornardes pobre e irmão de todos, rogai por nós, para que, seguindo o teu exemplo, nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, honrando neles a imagem de Jesus. Amen. Aleluia!

## Propostas pastorais

Com frequência, associa-se a pobreza a uma desgraça, a um estado vergonhoso que é necessário negar e esconder. Todavia, na sua Segunda Carta aos Coríntios, São Paulo explica que esta é a condição que o próprio Jesus Cristo assumiu por amor a nós. Ele não se limitou a encarnar, não se limitou a assumir as nossas culpas sobre Si mesmo, mas também Se fez pobre, para que nós pudéssemos tornar-nos ricos através da sua pobreza.

Este paradoxo «que, hoje como no passado, é difícil de aceitar, porque embate na lógica humana»<sup>2</sup>, sintetiza o amor incondicional que Jesus tem por todos nós. A sua pobreza transforma-se na nossa riqueza. Dar-se incondicionalmente ao outro torna-se uma fonte de riqueza espiritual.

Não são necessários grandes empreendimentos ou ações espetaculares; bastam pequenos gestos feitos de forma verdadeiramente desinteressada, como bem explicou Moisés ao povo de Israel, quando lhe ilustrou os mandamentos: «Este mandamento que hoje te imponho não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance. [...] Esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática» (Dt 30,11.14). A palavra e o mandamento que, mais tarde, Jesus vem ensinar-nos e que Ele próprio segue até à morte, é um só: ama o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22,39). No amor para com o próximo manifesta-se o amor para com Deus e, efetivamente, Cristo recorda-nos que «nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). Então, basta um copo de água, uma palavra de conforto, a oferta de uma sandes. Mas, para imitar Cristo, precisamos de, antes, O ter conhecido e acolhido na nossa vida. Se, no rosto do pobre, reconheço o rosto de Jesus, então também posso acolhê-lo e amá-lo como Jesus.

Além disso, Cristo fez-Se pobre, para que, através da sua pobreza, pudesse manifestar-se a glória de Deus. Quantas vezes reconhecemos que somos miseráveis e pobres nos nossos pecados e que, cada vez que caímos, revela-se a nossa fraqueza humana. No entanto, é precisamente através da nossa pobreza que se manifesta o poder de Deus, como nos recorda São Paulo na Segunda Carta aos Coríntios: «Nós trazemos em vasos de barro o tesouro do nosso ministério, para que se reconheça que um poder tão sublime vem de Deus e não de nós» (2Cor 4,7). Portanto, a nossa pobreza torna-se riqueza, apenas porque é manifestação do poder de Deus; é somente graças a isto que cada homem pode aspirar à santidade, à imitação completa de Cristo.

Neste *VI Dia Mundial dos Pobres*, podemos imitar Cristo, também amando os outros, fazendo-nos pobres por eles com pequenos gestos de amor. Por isso, fazemos aqui algumas propostas pastorais que podem ser aceites e redimensionadas conforme as sensibilidades e as exigências de cada comunidade e promovidas nas Dioceses e nas Paróquias, em todos os lugares onde houver pobres e pessoas necessitadas. Acolhamos a riqueza que o Senhor nos oferece, fazendo-nos pobres pelos outros!

1. Convidar as famílias a rezar conosco ao domingo.
2. Organizar visitas guiadas a museus ou a igrejas com catequeses explicativas para os pobres e/ou para crianças provenientes de famílias necessitadas.

---

<sup>2</sup> Papa Francisco, *Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres*, n. 8.

3. Organizar uma missa para mulheres grávidas.
4. Organizar missas para crianças com autismo, com as atenções necessárias (música mais baixa ou mesmo evitar a música, homilias mais breves, deixar as crianças mexer-se livremente dentro da igreja, etc.).
5. Organizar encontros informativos com psicólogos para os pais, acerca das dificuldades de adaptação social dos jovens.
6. Convidar os idosos a almoçar connosco.
7. Organizar uma refeição e um momento de partilha com os pobres, promovendo momentos de escuta.
8. No momento das ofertas, durante a missa, motivar as crianças e pedir que sejam elas a fazer a coleta durante a missa.
9. Criar um fundo anual para uma iniciativa caritativa recorrente da paróquia.
10. Organizar encontros de oração para reclusos e convidar ex-reclusos para dar o seu testemunho.

## Testemunhos

### O amor dos pobres

Quando tive oportunidade de reviver calmamente a experiência de missão no Quênia, pude dar-me conta de que tudo tinha começado já muitos anos antes de eu partir realmente, com o Dia Mundial das Missões de 2007.

Até àquele ano, não era propriamente uma pessoa que frequentava a paróquia com assiduidade; é verdade que ia diligentemente à Missa ao domingo, mas não mais que isso. Aquele era o meu primeiro ano de universidade e estava a aproximar-me também da vida de serviço na paróquia, manifestando a minha disponibilidade para dar catequese com as crianças.

Assim, um domingo, como eu tinha ouvido o aviso de uma tarde missionária, por ocasião do Dia Mundial das Missões, em que os jovens iam contar a experiência que tinham feito no verão do ano anterior, em Moçambique, fui lá para escutar o que teriam para nos dizer, ou para me dizer a mim. Fui lá sem conhecer ninguém.

Naqueles anos, eu tinha muita dificuldade para encontrar um sentido para as profundas diferenças de cariz social que caracterizam a vida das pessoas em África e entre nós na Europa. Portanto, sentia que devia tornar-me útil, mesmo se de forma muito pequena, colocando à disposição do próximo tudo o que o Senhor me tinha oferecido.

Pouco a pouco, fui-me inserindo cada vez mais no serviço da catequese e, a partir daí, foram-se abrindo tantos caminhos, mas lá ficava na minha cabeça o bichinho da África, daquela realidade que, para mim, representava o espelho dos últimos, por quem sentia que podia fazer alguma coisa, nem que fosse pouquinho.

Com o passar do tempo (rapidamente chegámos ao verão de 2010) travei amizade com alguns jovens que faziam parte de um grupo chamado *Laboratório Missionário*, que tinha o objetivo não só de desenvolver projetos em terras de missão, mas também de manter uma relação viva com todo o território da paróquia a que pertencíamos, de modo a fazer com que todos estivessem envolvidos no momento da “partida” dos poucos que iam em missão.

Finalmente, em 2013, teve início o projeto. O meu coração estava cheio de expectativas e de curiosidades, mas também estava preenchido com muitíssimos medos. No entanto, sentia que era aquilo que devia fazer, apesar das pressões que ia recebendo continuamente em casa, onde os meus familiares efetivamente não estavam lá muito felizes com a minha decisão.

A oposição com a qual me deparei mais vezes foi esta: «Então, com todo o dinheiro que custa a viagem de avião, não podia fazer o bem aqui?». E talvez seja precisamente isto o centro do “partir”: encontrar-se, acolher uns aos outros, viver e partilhar o tempo, colocar-se à disposição do próximo, seja ele quem for.

Depois do cansaço, mas também da diversão que significou a viagem, posso dizer que fomos acolhidos como só uma mãe poderia acolher. A alegria, o amor e a disponibilidade que todas as pessoas da aldeia nos manifestaram e nos deram foram para mim a representação do amor incondicional de Deus. Esse amor que não pensa se lhe convém dedicar tempo ou não, que não procura realizar nem sequer os seus interesses ...

Pessoas simples, pobres, dispostas a privar-se do seu “nada” por mim, por nós.

Estavam à nossa espera já há alguns dias com danças, cantos e comidas que tinha preparado para nós. O seu dia era totalmente em função da nossa chegada. Eu nunca tinha acreditado que podia merecer todo este amor.

Não sei o que consegui fazer por todas as pessoas que fui encontrando nos anos que passei no Quénia, provavelmente muito pouco ou muito menos do que podia ou queria. Mas tenho a certeza de tudo o que recebi. Porque pude encontrar sorrisos e escutar histórias que ficarão sempre comigo.

Aquilo que procuro fazer todos os dias, no meu trabalho como professora, no meu serviço na paróquia, na minha vida familiar, é também fruto da experiência no Quénia: procuro levar uma “esperança”, um sorriso, um gesto simples de amor e acolhimento como eu própria recebi quando cheguei a uma terra nova.

Todos os dias, quando acordo na minha cama cómoda, não consigo deixar de pensar na sorte e na riqueza que tenho e de dar graças ao Senhor por tudo isto, procurando ao mesmo tempo ajudar quem vai aparecendo no meu caminho.

*(Serena Rosselli, Catequista da Paróquia de Santo Hipólito – Roma, Itália)*

## **Igreja com um rosto migrante**

Na fronteira entre Tijuana e San Diego, que é a maior do mundo, a migração sempre foi, é e continuará a ser, pelo menos nos próximos anos, um grande desafio para a sociedade, para as suas autoridades, para as associações, para a família e para a Igreja.

No século XXI, apesar dos grandes progressos científicos, técnicos e industriais, há famílias inteiras que continuam a viajar de lugares remotos num doloroso calvário. Um êxodo pesado que comporta sacrifícios extremos, limitações, abusos e mesmo a própria morte. Todos os dias, chega um grande número de pessoas à procura de trabalho e de melhores condições de vida, tentando fugir à violência, à pobreza ou à miséria; uns chegam sozinhos, outros em pequenos grupos ou em grandes caravanas, com o sonho de atravessar o país vizinho e realizar o chamado “sonho americano” que, de facto, para muito deles termina num horrível pesadelo.

A situação migratória que se gerou nestes anos em larga escala comporta uma grande missão evangelizadora, caritativa e espiritual. A Arquidiocese de Tijuana, que está a crescer a um ritmo alucinante, já conta com 3 milhões de habitantes. É uma arquidiocese de rosto migrante e composta por um mosaico de pessoas provenientes de diferentes lugares, culturas, línguas e tradições.

Diante deste desafio que enfrentamos, reconhecemos humildemente que se trata de uma dificuldade maior que nós; contudo, esforçamo-nos por dar um contributo, por ser sinal, por ser fermento no meio da comunidade. Temos a riqueza do Evangelho, com os valores cristãos e com tantas pessoas de fé que são solidárias e que se comprometem em prol do bem da sociedade. Além disso, podemos sensibilizar e encorajar a sociedade para participar ativamente em todas as iniciativas a favor dos migrantes e convidar as autoridades a assumir as suas responsabilidades.

Em Tijuana há 5 casas para migrantes, onde se faz muito bem, mas não são suficientes para satisfazer os cada vez mais pedidos com todos os problemas sociais que daí decorrem. A cada dia que passa, tentamos reorganizar-nos para dar uma resposta mais eficaz e inspirada, não apenas em sentido humanitário, mas também impregnada dos valores do Evangelho. Comprometemo-nos a acompanhar e a prestar assistência completa aos migrantes. Procuramos dar respostas alternativas como um novo

abrigo para os migrantes, alguns espaços nas paróquias onde os acolher, recolher medicamentos e reabastecer os dispensários existentes, etc.

Como pessoas de fé, vemos os nossos irmãos migrantes não como uma ameaça, mas reconhecemos a sua dignidade de pessoas. Além disso, descobrimos neles a presença de Deus, encontramos o rosto sofredor de Cristo que nos chama a dar uma resposta eficaz de amor. É uma alegria poder descobrir, todos os dias, o rosto de Cristo no próximo que sofre e poder servi-lo desta maneira.

Como insistiu várias vezes o Santo Padre, o nosso grande desafio é criar uma cultura do encontro que leve todas as pessoas e todos os grupos a partilhar com os outros a riqueza do seu próprio ser. O Dia Mundial dos Pobres é mais uma ocasião que nos ajuda a sensibilizarmo-nos e a comprometermo-nos na prática da caridade, em que todos somos irmãos que habitam numa casa comum.

*(P. Jonathan A. Valadez Castillo, Arquidiocese de Tijuana – México)*

## **Pobres na doença**

Foi uma experiência inesquecível. Sinceramente nunca considerei os pacientes do posto de saúde da Praça de São Pedro como pacientes especiais. Na verdade, julgo que as pessoas, diante da doença, são todas iguais. Infelizmente, o que muda é a possibilidade de ter acesso aos tratamentos. E nunca deveríamos esquecer-nos disto. Graças a Deus, vivemos num Estado que ainda nos garante o direito à saúde e devemos esforçar-nos para que seja sempre assim e para que se possa fazer cada vez melhor. Além disso, fiquei tocada pelos rostos dos pacientes, que, mesmo na dificuldade, conservavam uma grande dignidade. O que mais me tocou foi o facto de se sentirem tratados e atendidos, mas sobretudo o facto de sentirem que não tinham ficado sozinhos, que não tinham sido abandonados. Naquele posto médico, compreendi o significado da palavra bíblica “últimos”.

Respirava-se um clima de grande colaboração. Apercebi-me – e julgo que era um sentimento comum a todos nós – que estávamos a fazer algo de verdadeiramente importante para os pacientes. Havia médicos vindos de toda a Itália para prestar este serviço. Além disso, foi um belíssimo momento de confronto com os estudantes de medicina e com os médicos mais velhos. Rever nos seus olhos a mesma esperança e o mesmo entusiasmo foi para mim motivo de grande estímulo. É um facto que a profissão do médico não é simples, porque, além de tentar tratar a doença, é preciso tentar cuidar do doente, da pessoa. Acho que os pacientes me ofereceram o maior presente: a consciência de que é preciso deixar os medos para trás e empenhar-se com amor naquilo que se faz, sempre. Esta experiência ficará para sempre comigo, no meu coração. Ficam comigo os olhares dos pacientes, as pinceladas de vida relatadas entre uma vacina e a outra, as risadas entre uma piada e outra, para diluir a tensão da consulta e os sorrisos de agradecimento de todos nós.

*(Michela Di Lorenzo, voluntária do Posto de Saúde da Praça de São Pedro, 2020)*

## *O logo do Dia Mundial dos Pobres*



A dimensão da reciprocidade está espelhada no logo do Dia Mundial dos Pobres. Pode-se ver uma porta aberta e, na sua soleira, há duas pessoas que se encontram. Ambas estendem a mão: uma a pedir ajuda; a outra a dar essa mesma ajuda. Com efeito, é difícil compreender qual destas duas pessoas seja o verdadeiro pobre. Melhor ainda, as duas são pobres. Quem estende a mão para entrar, está a pedir partilha; quem estende a mão para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma tem algo para oferecer. Dois braços que exprimem solidariedade e que constituem uma provocação para não ficar no limite, mas para ir o encontro do outro. O pobre pode entrar em casa, quando aquele que está dentro de casa tiver compreendido que o que lhe está a ser pedido é partilha.

O texto do Apóstolo que serve de referência a este VI Dia Mundial dos Pobres apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Paulo pôde passar este ensinamento – e, ao longo dos séculos, a Igreja foi-o difundindo e testemunhando –, porque Deus, no seu Filho Jesus, escolheu este caminho e percorreu-o. Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida é iluminada e transformada, e adquire um valor que o mundo não conhece e não pode oferecer. A riqueza de Jesus é o seu amor, que não está fechado a ninguém, mas vai ao encontro de todos, sobretudo daqueles que são marginalizados e vivem privados daquilo que é necessário.

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| Apresentação de D. Rino Fisichella .....   | 4  |
| Mensagem do Santo Padre Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres .....             | 5  |
| Homilia do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres .....               | 11 |
| Lectio divina.....   | 14 |
| Comentário teológico-pastoral .....  | 19 |
| Vigília de oração.....   | 23 |
| O Rosário dos Pobres .....   | 30 |
| Oração inspirada na Mensagem do Papa Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres..... | 38 |
| Propostas pastorais .....  | 39 |
| Testemunhos.....   | 41 |
| O logo do Dia Mundial dos Pobres .....   | 44 |

Contracapa



*Se quisermos que a vida vença a morte  
e que a dignidade seja resgatada da injustiça,  
o caminho a seguir é o d'Ele:  
é seguir a pobreza de Jesus Cristo,  
partilhando a vida por amor,  
repartindo o pão da própria existência  
com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos,  
por aqueles que carecem do necessário,  
para que se crie a igualdade.*

*Francisco*